

# OLISIPO

BOLETIM  
TRIMESTRAL  
DO GRUPO

“AMIGOS DE LISBOA”



ANO XVII — N.º 67

JULHO DE 1954



*Tempo de férias, tempo de fresco...  
de todas as maneiras com ventoinha eléctrica!*

C.<sup>AS</sup> REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

RUA GARRETT, 2—TEL. 30913

**LISBOA**

RUA DA BOA VISTA, 39—TEL. 2004



TELE } FONES. 5 8135-5 8136  
GRAMAS: MALHAS



CÓDIGOS { ABC — 5.ª Edição  
R I B E I R O

# Simões & C.ª, Limitada

Avenida Gomes Pereira — BENFICA

Fundada em 1907

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País,  
Fabricação de meias, peúgas, camisolas e rouparia de  
malha para homens, senhoras e crianças, em algodão,  
lã e seda

Criadora da bem conhecida e acreditada meia NYLON «SUPREMA»  
e das roupas «SUPREMA»

Telefone 58-609

*reparações, instalações, rádio  
som, electricidade, água, gás,  
força motriz*

## *Electro-Som*

*Francisco Felgueiras, L.ª*

*aluga amplificadores com discos  
máquinas, de gravação, música  
gravada para bailes, particulares,  
feiras, arraiais, e festas religiosas*

Estrada de Benfica, 317-A

LISBOA

Rua António Nobre, 7-3.º E.



# COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

GRANDES E  
PEQUENAS  
QUANTIDADES



Livraria Garrett, 36

L I S B O A

## COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE

RUA DO COMÉRCIO, 85  
LISBOA

SUCURSAL

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73  
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,  
Brasil e América do Norte*

### FROTA DA C. N. N.

«Moçambique» .....	18.220 Ton.	«Sofala» .....	18.520 Ton.
«Angola» .....	18.250 »	«Moçâmedes» .....	12.990 »
«Quanza» .....	11.550 »	«Rovuma» .....	12.990 »
«Luabo» .....	3.030 »	«S. Thomés» .....	12.550 »
«Zambézia» .....	3.538 »	«Nacala» .....	5.130 »
«Lúrio» .....	3.538 »	«Tagus» .....	2.320 »
«Índia» .....	11.400 »	«Angoche» .....	1.950 »
«Timor» .....	11.400 »		Em construção
«Save» .....	2.680 »	«Niassa» .....	10.000 Ton. D. W.

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

Telef. 2 0244

Teleg. PAPELCAR

## PAPELARIA CARLOS

DE — CARLOS FERREIRA, L. DA

34, RUA DO OURO, 38

LISBOA

Especialidade em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para DESENHO E ESCRITÓRIO



# Sociedade Geral

de

## Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: Rua do Comércio, 39 Telefone: 30551

### FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL . . . . .	1.560 T	n/m CARTAXO . . . . .	1.376 T
n/m ALCOBAÇA . . . . .	9.588 T	n/m COLARES . . . . .	1.376 T
n/v ALCOUTIM . . . . .	10.526 T	n/m CONCEIÇÃO MARIA . . . . .	2.974 T
n/m ALENQUER . . . . .	6.588 T	n/m CORUCHE . . . . .	1.376 T
n/m ALEXANDRE SILVA . . . . .	3.215 T	n/v COSTEIRO . . . . .	900 T
n/m ALFREDO DA SILVA . . . . .	3.643 T	n/m COSTEIRO TERCEIRO . . . . .	1.426 T
n/v ALFERRAREDE . . . . .	2.118 T	n/m COVILHÃ . . . . .	1.376 T
n/m ALMEIRIM . . . . .	9.588 T	n/v CUNENE . . . . .	9.800 T
n/v AMARANTE . . . . .	12.600 T	n/v FOCA . . . . .	2.060 T
n/m AMBRIZETE . . . . .	9.245 T	n/v INHAMBANE . . . . .	9.619 T
n/m ANA MAFALDA . . . . .	3.643 T	n/v LUSO . . . . .	10.125 T
n/m ANDULO . . . . .	9.245 T	n/v MARIA AMÉLIA . . . . .	3.005 T
n/m ANTONIO CARLOS . . . . .	2.974 T	n/v MELLO . . . . .	6.253 T
n/m ARRAIOLOS . . . . .	9.588 T	n/v MIRANDELA . . . . .	8.280 T
n/m BELAS . . . . .	7.259 T	n/m SÃO MACÁRIO . . . . .	1.221 T
n/m BORBA . . . . .	7.259 T	n/v SAUDADES . . . . .	6.430 T
n/m BRAGA . . . . .	7.224 T	n/v SILVA GOUVEIA . . . . .	1.353 T
n/m BRAGANÇA . . . . .	7.224 T	n/v ZÉ MANEL . . . . .	1.240 T

**TOTAL: 196.277 TONELADAS**

#### REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,  
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO»,  
«SOURE», «PRAIA DA ADRAGA»  
E «PRAIA GRANDE»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.)

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m<sup>3</sup> cada

#### EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

n/m «Rita Maria» de 3.600 T. e para 70 passageiros e n/m «Manuel Alfredo» de 3.600 T. e para 12 passageiros

#### CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA  
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA  
E COSTA DE PORTUGAL

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO  
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL  
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO  
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA



# COMPANHIA

DE

## DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada  
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província  
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

*Cor. António Lopes Mateus*

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

*Mr. Firmin Van Brée*

VICE - PRESIDENTE

*Banco Burnay*

ADMINISTRADOR - DELEGADO

*Com. Ernesto de Vilhena*

Direcção Geral na Lunda

Director geral

*Eng. Rolando Sucena Baptista  
de Sousa*

Representação em Luanda

Representante

*Cap. Mário Augusto  
da Costa*



# ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES  
PROJECTOS DE ESTABILIDADE  
BETÃO ARMADO

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º

Telefone 2 6251 — PORTO

# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos  
ON PARLE FRANÇAIS      ENGLISH SPOKEN



# Porcelanas da Vista Alegre

Já há seis gerações que os lisboetas as apreciam

==== LARGO DO CHIADO, 18 — LISBOA ====

## Adega MESQUITA

de

Domingos Mesquita & Filho

FADOS E GUITARRADAS



TODAS AS NOITES

RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 107  
TELEFONE 28307 • LISBOA

## Edições da "PORTUGÁLIA"

SOBRE LISBOA



### A CARAVELA E OS CORVOS

por SUSANNE CHANTAL. — Os  
oito séculos da história da Capital,  
num encantador livro de 500 páginas  
30\$00

### A NOSSA LISBOA

por MATOS SEQUEIRA e PAS-  
TOR DE MACEDO. — Prémio «Jú-  
lio de Castilho» da C. M. L.  
40\$00

### GUIA E PLANTA DE LISBOA

por NORBERTO DE ARAÚJO e  
ANTÓNIO SOARES.  
Edição portuguesa . . . . . 15\$00  
Edição francesa . . . . . 15\$00  
Edição inglesa . . . . . 15\$00



À venda em todas as Livrarias

## OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

No seu sortido de pratas apresenta as mais belas cópias de modelos antigos  
Serviços — Serpentinhas — Salvas e Tabuleiros

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336  
Rua da Mouraria, 7-11 (Junto à Capela de N.ª S.ª da Saúde)  
LISBOA



# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XVII

JULHO DE 1954

NÚMERO 67

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA      EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

*Edição e Propriedade do*

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

*Redacção e Administ.: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º — Telefone 2 5711*

*Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155*

## SUMÁRIO

	Pág.
Uma fraude cartográfica, ou como uma vista de Lisboa se transformou numa vista de Nova Iorque, por <i>Michel Benisovich</i> .....	109
Uma briga no Chafariz da Rua Nova, por <i>J. M. Cordeiro de Sousa</i> .....	113
Uma visita ao Convento da Encarnação, dirigida pelo <i>Dr. José Pinto de Aguiar</i> .....	117
Inauguração da Exposição de Miniaturas Olisiponenses, por <i>Guida Keil</i> .....	129
Actividade Cultural no trimestre passado .....	132
Feira da Ladra .....	136

NA CAPA — Envasamento duma torre que ladeava a Porta de Alfofa

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*









ROQUE DA FONSECA

*Mais um dos nossos que desaparece. Joaquim Roque da Fonseca, vogal da Junta Directiva dos «Amigos de Lisboa», uma figura que toda a Lisboa conheceu e que ligou o seu nome e o seu entusiasmo a tantas iniciativas, tanto no sector da vida económica da capital como no das obras culturais, deixa uma memória que será fiel entre os seus amigos e os seus colaboradores. À frente da Associação Comercial, na Comissão Directiva das Comemorações Centenárias de 1940, na gerência e na orientação de tantas instituições úteis, Roque da Fonseca soube sempre granjear simpatias e dependência afectivas.*

*Paz à sua boa alma.*



# UMA FRAUDE CARTOGRÁFICA OU COMO UMA VISTA DE LISBOA SE TRANSFORMOU NUMA VISTA DE NOVA IORQUE

por MICHEL BENISOVICH

SERIA supérfluo referirmo-nos aqui em pormenor à vista de Lisboa denominada de Braunius, por isso que é bem conhecida em Portugal e tem sido reproduzida muitas vezes nestes últimos tempos. Ainda não há muito, os leitores de *Olisipo* puderam apreciar a descrição que lhe consagrou o Snr. António de Aguiar, no estudo intitulado *Vistas de Lisboa*, publicado no número de Julho de 1952, em que a dita vista figura sob o n.º 6 (1). Como é sabido, esta gravura, em cobre, medindo 0,32×0,47 cms., foi inserta na obra de George Braun e Franz Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, editada entre 1576 e 1618 (2).

A referida vista foi muito reproduzida, pois constituiu o protótipo que inspirou, directa ou indirectamente, muitas outras vistas de Lisboa feitas durante os séculos XVII e XVIII, e até já depois do terremoto de 1755 ter alterado a planta e a fisionomia da cidade. Uma delas é a que se reproduz na estampa I e foi editada em Paris por Jean Sauvé, estabelecido na Rua Saint-Jacques, à *l'enseigne de la Liberté*. Não podemos dizer, de momento, se esta figurava em qualquer obra, se fazia parte de uma série de vistas ou se constituía uma folha avulsa.

Sendo bem conhecido dos coleccionadores este tipo de vistas da capital portuguesa, não deixará de causar a maior surpresa o conhecimento da vista que publicamos na estampa II e se diz representar Nova Amsterdão — nome que primeiramente teve a cidade que hoje é Nova Iorque. Esta gravura, que reproduzimos pelo exemplar da

---

(1) *Album Comemorativo — Exposição de Estampas antigas sobre Portugal por artistas estrangeiros dos Séculos XVI a XIX — Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, 1944, N.º 283; *Colecção de Gravuras Portuguesas*, 2.ª série, estampa 27.

(2) Para a vista dita de Braunius, v. *American Historical Prints (from the Phelps Stokes and others collections)* by J. W. Phelps Stokes and Daniel Haskell, New-York — Public Library — 1933, n.º B — 38; Phelps Stokes — *Iconography of the Manhattan Island, 1498-1909*, Nova Iorque, R. H. Dodd — 1915, vol. I, págs. 216-217.



colecção J. N. Phelps Stokes que se conserva na Biblioteca Pública de Nova Iorque, é muito rara. Não se conhecem senão quatro exemplares mais, um dos quais no Museu Britânico e outro na Biblioteca do Congresso de Washington. O seu antigo proprietário, Phelps Stokes, que é o autor da obra *The Iconography of Manhattan Island*, ao examiná-la, encontrou vestígios de números meio apagados e números referentes a uma descrição que a legenda da parte inferior não contém, mas devia ter anteriormente contido.

Da comparação atenta das duas gravuras verifica-se que a que pretende representar Nova Amsterdão é, embora alterada e transformada, a mesma de Lisboa editada por Sauvé. Alguém que quis gravar uma vista da cidade americana, não dispondo de uma verdadeira desta longínqua povoação, recorreu ao expediente, pouco honesto, de aproveitar a chapa original da lisbonense de Sauvé, que houve à mão, modificando-a de forma a adaptá-la ao fim em vista. Do listel desapareceu o nome de Lisboa e gravou-se em seu lugar NOWEL AMSTERDAM EN LAMERIQUE. 1672; os números e os dizeres foram raspados e a toponímia lisboeta rebaptizada com denominações de locais da cidade americana; a legenda inferior foi inteiramente substituída; e o escudo das armas reais portuguesas no canto superior esquerdo também foi eliminado, abrindo-se em seu lugar o mapa da Nova Holanda. Ficou no canto superior direito o escudo das armas de Lisboa, rodeado por uma coroa de folhagem, e em cuja bem conhecida embarcação Phelps Stoke julgou ver uma alusão ao navio de Henry Hudson, o *Half Moon*.

O autor desta grosseira mistificação não teve pejo em assiná-la: *Jolkuin ex*. Este Jollain (Gérard I), pertencente a uma família de gravadores-editores e falecido em 1683, esteve estabelecido em Paris na Rua Saint-Jacques, com a insígnia da cidade de Colónia; era, portanto, vizinho de Sauvé, de quem, ou de cujo espólio, teria obtido a chapa da vista de Lisboa.

A gravura não apresenta a indicação *Avec privilège du Roi* ou a sua abreviatura A. P. D. R., obrigatória nas gravuras francesas, mas tem no canto inferior direito o número 71, que indica tratar-se de uma série de vistas que apenas se conhece em parte.

Na legenda, em latim e francês, a duas colunas de oito linhas cada, que se lê na parte inferior da mancha, descreve-se a cidade de Nova Amsterdão, enaltecendo-se a sua grandeza e prosperidade e dizendo-se que *le país a été premierement decouvert par les Hollandois qui luy ont laissé leur nom* (Nova Holanda). Acrescenta-se que: *Elle est sous la puissance des Estats d'Hollande qui y font garder la mesme police q'en leur país, et ou les mescontens se retirent souvent*. Tal frase representa um anacronismo, pois o período da dominação holandesa tinha acabado









Vista perspectiva da cidade de Nova Amsterdão (Nova Iorque), pelo gravador Jollain, de Paris, publicada em Paris em 1672, e obtida pela falsificação da chapa reproduzida por Sauvé (Da coleção J. N. Phelps Stokes, da Biblioteca Pública de Nova Iorque)



em 1664, oito anos antes da data indicada no listel: 1672. Teria sido o trabalho iniciado anteriormente a 1664 e somente acabado em 1762? Ou haveria o propósito de, com ele, se contribuir para uma preparação ideológica que impulsionasse à reconquista dessa Nova Holanda perdida pelos Holandeses?

As indicações dos lugares são pouco numerosas porque decerto o autor não tinha notícia pormenorizada da topografia da povoação americana. Assim, depois de baptizar o Tejo de *Mer du Nort*, deu a alguns sítios e edifícios de Lisboa os nomes de locais e de estabelecimentos oficiais de Nova Amsterdão. Os edifícios do Terreiro do Paço transformaram-se no Almirantado (*l'Amirauté*); o Rossio, com o Hospital de Todos-os-Santos, passou a ser a Praça da Bolsa (*Place de la Bourse*); a Casa da Índia, o *Bureau des Entrées*, que seria, talvez, a alfândega; a Sé, a Municipalidade (*Maison de Ville*); o Mosteiro da Graça, a *Église* ou *Temple de Bikerke*; o Paço da Alcáçova, o Castelo de Nassau (*Chateau de Nassau*); a Igreja dos Mártires, a Igreja do Oeste (*Ouest Kir.*); o Convento de Santa Clara, o Hospital (*Hopital*).

As actividades comerciais e industriais da cidade não foram omitidas e indicaram-se, ao sabor da fantasia, os armazéns ou locais onde se guardavam ou preparavam os produtos da colónia. Os armazéns dos Castores (*Magazins de Castors*) foram colocados em S. Vicente; os dos couros (*Magazins des cuirs*) na Esperança; e na cerca de S. Bento situou-se *le lieu ou saprete le bois de racine ou onde appelé Wageshot* <sup>(1)</sup>. Há ainda a *Pelleterie*, a Santa Luzia e a *Sucrierie* em terras para as bandas do Alto da Cotovia.

Existia em Nova Amsterdão uma casa de disciplina onde se encerravam e se fazia trabalhar os indivíduos dados à vadiagem (*Maison de Discipline, aussi en jcele sont renfermes des Faineans que lon fait travailler*) e que se localizou na Igreja da Anunciada. Enfim, para representar a justiça (*la Justice*) ergueu-se uma forca no alto monte que deve corresponder ao Campo de Sant'Ana.

Tudo isto é, como se verifica, pura invenção dum mistificador, uma fraude a que o autor se atreveu, movido talvez pela curiosidade que então suscitava o Novo Mundo.

Esta pretensa vista de Nova Amsterdão foi a primeira, em data, duma série de vistas fictícias de Nova Iorque, nas quais se filia uma série de seis publicada por F. X. Habermann em Augsburg já no século XVIII (1776), e que, sendo fantasiosas, não têm, todavia, intuito fraudulento.

---

<sup>(1)</sup> Em francês *Merrain*, que Domingos de Azevedo, no *Dicionário Francês-Português*, diz significar: «Madeira de carvalho serrada em tábuas curtas e estreitas para aduelas, soalhos, etc.».



Nestas notas apenas quisemos revelar como é que uma vista da velha e histórica cidade de Lisboa se metamorfoseou, por obra dum gravador-editor pouco escrupuloso, na da capital da Nova Holanda, a cidade colonial de Nova Amsterdão, que depois viria a ser a imensa Nova Iorque.

Nova Iorque, 1953.



Antigo aluno da Escola do Louvre, o autor deste artigo é um distinto historiador de Arte, que os azares da última guerra trouxeram a Portugal. Durante a sua permanência em Lisboa consagrou-se ao estudo da Arte Portuguesa, particularmente nas suas relações com a Arte Francesa, acerca da qual tem publicado uma série de importantes trabalhos. Instalado desde 1940 em Nova Iorque, onde exerce a sua actividade na *U. S. Information Agency*, o Sr. Michel Benisovich, tem mantido sempre viva a sua simpatia pelo nosso País, não esquecendo o bom acolhimento que nele recebeu, e, assim, vai coligindo e estudando com o maior interesse todos os elementos dispersos que na América encontra relativos à nossa História e à nossa Arte. São resultado dessa sua curiosidade pelas nossas coisas o notável estudo *Artistes Français au Portugal au XVIIIe siècle — Delarive, Pillement, Noël*, publicado na *Gazette des Beaux-Arts*, e o presente artigo, que decerto interessará aos leitores desta revista.

A. CARDOSO PINTO



# UMA BRIGA NO CHAFARIZ DA RUA NOVA

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

EM investigações a que procedi no Arquivo Nacional da Torre do Tombo para identificar certos fidalgos portugueses que acompanharam o nosso Condestável D. Pedro durante o seu curto e atribulado reinado no Aragão; ao ocupar-me de Rodrigo de Santpayo, largamente mencionado no interessantíssimo trabalho do meu amigo Dr. J. E. Martinez Ferrando, *Caballeros portugueses en el alzamiento de la Generalidad catalana contra Juan II*; deparei com um curioso documento registado no livro 14.º da chancelaria de D. Afonso V, que bem pode referir-se-lhe.

Rodrigo, ou Rui, de São Payo aparece-nos pela primeira vez citado nos documentos da chancelaria de D. Pedro, em 28 de Janeiro de 1464, quando seu amo lhe manda entregar um bom cavalo (¹). Depois, durante o agitado período da guerra contra o usurpador, vemos que se portou com bravura, pois rapidamente atinge situação de destaque.

Em Abril desse ano é encarregado de levar víveres a Cervera, atacada pelas tropas de D. João de Navarra. E deve ter-se desempenhado bem da arriscada missão, visto que no mês seguinte são-lhe doados os castelos de Jorba e de Odena com as respectivas vilas (²).

Mas, ao que parece, a sua propensão era para a guerra no mar. E tanto que a 21 de Junho vamos encontrá-lo em Valência, comandando uma galera, em Setembro tinha-lhe sido dada a capitania das galeras e fustas barcelonesas e logo no fim desse mês, certamente pela sua demonstrada competência, era capitão das «naves, balleneros, carabelas, y otros leños de la armada y ejercito marítimo» (³).

De «capitan de gente de armas» passara a «capitan de la armada real».

A guerra prosseguia com infelicidade para D. Pedro, que se queixava amargamente de que não lhe facilitavam os meios para bem desempenhar a missão de que o haviam encarregado. As soldadas

---

(¹) Martinez Ferrando, *Catalogo de la Documentación de la Cancilleria Regia de Pedro de Portugal*, vol. I, p. 16.

(²) Idem, id.

(³) Idem, id.



andavam atrasadas e as tropas descontentes, faltavam armas, cavalos e dinheiro para os comprar. A situação era grave.

Então o Rei manda Rodrigo de São Payo a Portugal para pedir a seu primo e cunhado Afonso V que lhe restitua o mestrado da Ordem de Avis com «tots los fruyts dels anys passats», tentando justificar a sua partida precipitada de Ceuta (4). Dirige-se também ao Príncipe, à Infanta D. Joana, ainda então na corte, ao Infante D. Fernando, que em 11 de Março regressara ao Reino (5), e à irmã D. Filipa, para que lhe mande uns 25.000 reais brancos das rendas que julgava ainda ter aqui. Ao Duque de Bragança, seu tio, e ao Conde de Vila Real, manda propor o seu casamento com a prima D. Isabel, enviando-lhe estes 200 homens de armas e 400 de cavalo pagos por 4 meses (6).

D. Pedro manda entregar a Rodrigo de São Payo 120 florins para a jornada (7), e comprar-lhe 45 peles de marta para forro de um manto de veludo negro, talvez para seu agasalho, pois o Outono entrara já. E era tal a pressa, que o Rei se dispusera a pagar-lhe uma dívida que contraíra com os *concelleres* de Barcelona, para que não demorasse a partida (8).

Rodrigo de São Payo deve ter seguido para Portugal na segunda quinzena de Outubro de 1465.

Mas teria Rodrigo de São Payo ido juntar-se às hostes do antigo Condestável do Reino por gratidão aos favores recebidos pelos seus durante a regência do vencido de Alfarrobeira; ou fugido às justiças, se é lícito identificá-lo com o matador de um certo João do Couto, a quem D. Afonso V, estando em Avis, perdoou por carta de 23 de Maio de 1466?

A briga de que resultou essa morte deu-se antes da ida do Rei «esta postumeira vez» para Ceuta, isto é: antes de 7 de Novembro de 1463, e em fins de Janeiro do ano imediato já encontramos Rodrigo, ou Rui, de São Payo em Barcelona ao serviço de D. Pedro. Não é, pois, improvável essa identidade, visto que o nome não é vulgar na família, e que para ali se houvesse homiziado cauteloso, enquanto o Rei não lhe perdoasse o crime de que, em verdade, não fora culpado.

O caso passara-se assim:

Certa noite vinha Rodrigo de São Payo da Alcáçova, deixando para trás as tortuosas e íngremes ladeiras da cidade moirisca, quando

(4) Idem, *Pere de Portugal «Rei dels catalans»*, p. 221.

(5) Idem, *Catalogo*, citado, vol. I, p. 25.

(6) Idem, *Pere de Portugal, etc.*, p. 226.

(7) Idem, *Catalogo, etc.*, p. 106.

(8) Idem, *id.*, p. 121.



ao passar junto ao chafariz da Rua Nova, quis dar de beber ao cavalo em que montava. Este, porém, assustou-se ao deparar com o vulto de um homem que dentro do tanque «estava lavando as pernas» (9). Não só o negror da noite como a sombra da pequena ermida de Nossa Senhora da Oliveira que se erguia por cima do chafariz e se projectava no sítio, aumentando a escuridão, mal deixavam distinguir o homem que ali estava acocorado.

Rodrigo de São Payo pediu-lhe que se aquietasse para o animal beber, mas ele não se demorou que não voltasse a agitar a água, assustando outra vez o cavalo, pelo que o fidalgo, aborrecido, o ameaçou de dar-lhe com uma cana na cabeça, se não estivesse quieto.

Tanto bastou para que o desconhecido, erguendo-se iracundo, deitasse a mão a uma espada que trazia e, sem mais tir-te nem guar-te, desse uma cutilada na cabeça do pobre animal, e saltando fora do chafariz, acomettesse furiosamente o cavaleiro, chegando a feri-lo numa das mãos, e se não lhe atingiu o antebraço, foi por lho defender o braçal, pois trazia vestidas as suas armas, que de outro modo não era prudente transitar de noite pelas escusas e solitárias ruelas da Lisboa quatrocentista.

Como o desconhecido, na fúria com que o atacava, lhe houvesse cortado as rédeas do cavalo, e continuasse a persegui-lo; Rodrigo de São Payo, de um salto põe-se a pé e bate-se com ele, levando-lhe a melhor, e ferindo-o de tal sorte, que o homem veio a morrer dos golpes recebidos.

Antes porém de entregar a alma ao Criador, disseram que lhe havia perdoado, pois assim o declarou um seu irmão, e de tal afirmativa logo Rodrigo de São Payo mandou lavrar um *estrumento publico*, que é como quem diz um certificado para provar a sua inocência, muito embora não confiando demasiadamente na credulidade das Justiças acerca dessa confissão, talvez por cautela se tenha passado à Catalunha, onde o vamos encontrar logo em Janeiro de 1464, se acaso não se trata de um seu homónimo.

Segue o documento:

Dom Afonso, etc. A todollos juizes e justiças, etc. que Ruy de Sampayo, fidalgo de nossa casa, nos enviou dizer que, estando nós em a cidade de Lixboa, amte da hida que esta pustumeira veez fomos a Cepta; hymdo elle huñ dia aa noute do paço, em çima de huñ cavallo, o chegara ao chafariz da Rua Nova pera lhe dar a beber, o quall se espantara de huñ homem que dentro estava lavando as pernas. E elle o nom vya por sseer escuro por causa da casa da Virgem Maria, que estava sobre elle, e quando o vira, lhe dissera que lhe rogava que estevesse quedo ataa o dicto cavallo beber. E elle esteve huñ pouco, e tornara a bolir loguo, e lhe fezera espantar outra veez o cavallo.

---

(9) Vide doc. in fine.



E elle lhe disera emtam que estevesse quedo, se nom que lhe daria com hũa cana que tiinha, na cabeça. E sem outra coussa lhe mais dizer, elle levara de hũa espada, e se viera a elle, deantando lhe huũ golpe, e lhe dera polla cabeça do cavallo de longo hũa ferida, metendosse com elle pera o matar.

E elle, vemdo aquello, levara da sua espada e, por sua defensam, lhe quisera dar, e se chegara tanto que elle o ferira em hũa mão, e o aleigara de huũ braço, se elle nom andara armado delle. E do golpe lhe cortara as rredeas do cavallo, e começara armorear com elle e fugir, e o dicto homem depos elle. E que elle, vemdo como ho seguya, saltara fora, e na metade da rrua vierom aas espadas, e em sse defendemdo ho ferira de feridas de que ao depois viera a morrer.

E amte de sua morte elle viera a confessar como fora o cometedor, e lhe perdoara. E assy lhe perdoara huũ seu irmão, segundo mais compridamente sse contiinha e o veer poderiamos, per huũ instrumento pubrico de perdam que dello ouvera. E o dicto morto avia nome Joham do Couto, marinheiro.

Por a quall rrezom se elle temya das nosas justiçaçs de o por rrezom da dicta morte prenderem, ou fazerem outro alguũ deseguisado, pedyndonos por merçee que, visto o casso como aconteeço, lhe perdoasemos a nosa justiça, se nos a ella per bem da dita morte em algũa guisa era theudo, apresentando peramte nós o dicto instrumento feito e asynado per André Afonso, tabeliam em a dicta çidade, a tres dias de Oytubro do ano de IIIJcLXIIJ, em o quall se contiinha que Joham Annes, carpynteiro morador na çidade do Porto, irmão do dicto morto, disera que elle perdoava ao dicto Ruy de Sampayo, a morte do dicto Joham do Couto, seu irmão, e o nom quisera acusar, nem demandar, por quanto sabya que o dicto Ruy de Sampayo nom tiinha em ello culpa, porque o dicto seu irmão fora o cometedor, e hy nom avya outras partees a que acusaçom pertenceesse se nom a elle, segundo que todo em o dicto instrumento sse contiinha.

E nós vendo o que nos elle assy dizer e pediir enviou, visto o perdam do irmão deste Joham do Couto, morto, e como diz que nom ha hy outras partees que o devam dacusar, e querendolhe fazer graça e merçee; teemos por bem e perdiamos lhe a nossa justiça a que nos elle por rrazom da dicta morte era theudo.

E porem vos mandamos que o nom prendaes nem mandes premder, etc.

Dada em Avys XXIIJ de Mayo. El Rei o mandou per Bras Afonso, seu ouvidor que ora tem cargo da correioçom da sua corte. Fernam Gonçalvez a fez. Ano do nascimento de nosso Senhor Jhesu Cristo de mill IIIJcLXbj anos.

— Torre do Tombo, Chancelaria del Rei D. Afonso V, liv.º 14.º, fol. 76 —



# Uma visita

ao

## Convento da Encarnação

*Dirigida pelo Dr. JOSÉ PINTO DE AGUIAR*

Minhas Senhoras,  
Senhores:

Pela segunda vez, os «Amigos de Lisboa» visitam o Convento da Encarnação. Não me foi possível, mau grado meu, assistir à primeira, mas, nem por isso, deixei de a acompanhar com o maior interesse.

Norberto de Araújo, se vivo fosse, estaria aqui, de novo, a ilustrar, com o brilho da sua erudição, mais uma crónica desta Lisboa, que é todo o nosso encanto. Apesar de mal o ter conhecido, pois apenas uma vez lhe falei, seja-me permitido recordar, comovidamente, a figura do poeta, jornalista e infatigável investigador lisiponense que foi Norberto de Araújo.

Quis o Sr. Dr. Eduardo Neves, ilustre Secretário-Geral do Grupo «Amigos de Lisboa», dar-nos a honra de acompanhar VV. Ex.<sup>as</sup> nesta romagem de beleza e de saudade.

Em favor da sua determinação militava não só o facto de dirigirmos, pessoalmente, os Recolhimentos da Capital, de que este faz parte, mas o de sermos também «Amigo de Lisboa». É, pois, nessa qualidade que, muito gostosamente, apresento a VV. Ex.<sup>as</sup> os meus cumprimentos de boas-vindas.

Minhas Senhoras,  
Senhores:

A Infanta Dona Maria, filha de El-Rei D. Manuel e de sua terceira mulher, a Rainha Dona Leonor de Áustria, que, com Publica Hortensia, fundara a famosa Academia Feminina, não foi apenas grande figura literária do seu tempo.



«Noiva tantas vezes prometida, mas sempre arredada dos esposais», formosa, culta e riquíssima, fora dotada também de delicada sensibilidade, que muito deveria ter contribuído para lhe estimular o fervor religioso e místico.

Além da fundação de grandes conventos: este, consagrado a Nossa Senhora da Encarnação; o do Calvário, em Évora; o dos Capuchos arrábidos, nos arredores de Torres Vedras; e dois outros, em Santarém, deve-se-lhe, ainda, a construção de um hospital para mais de uma centena de doentes, e, finalmente, a grande fundação religiosa de Nossa Senhora da Luz, em Carnide, onde dorme o sono eterno.

Em seu testamento, datado de 17 de Julho de 1577, determinara a Infanta que fosse fundado um mosteiro de religiosas da Ordem de S. Bento, sob a invocação de Nossa Senhora da Encarnação, recomendando que «para el se busque un sitio que se compre à costa de mi hazienda, que sea muy alegre y sano, y tenga mucha água dentro», estabelecendo igualmente que deveria abrigar 62 religiosas, 25 das quais seriam nobres e as restantes «limpas de sangue».

Só, porém, 40 anos mais tarde, no reinado de Filipe II, se cumpriram as suas disposições testamentárias, sem que, contudo, fosse observado o rigor que a Infanta impusera. Por uma Bula do Papa Paulo V conseguiu o monarca que o mosteiro ficasse dependente do rei e ingressasse na Ordem Militar Beneditina.

O Real Mosteiro de N. S.<sup>a</sup> da Encarnação da Ordem Militar de S. Bento de Avis teve como primeira comendadeira D. Luísa das Chagas de Noronha, antes freira do convento da Esperança, nomeada por despacho régio de 5 de Agosto de 1617, tendo prestado juramento na igreja de S. Mateus, da Casa dos Condes de Monsanto, ao Borratém, onde a casa religiosa funcionou inicialmente.

Pouco tempo depois, D. Luísa de Noronha adquiriu, nesta encosta de Santana, os terrenos que foram pertença de D. Aleixo de Meneses, aio de D. Sebastião, e filho de D. Pedro de Meneses, primeiro Conde de Cantanhade.

Foi um filho daquele famoso político, também chamado D. Aleixo (arcebispo de Goa e de Braga, vice-rei de Portugal no tempo do primeiro Filipe e freire da ordem dos eremitas de Santo Agostinho), quem, já no final da vida, vendeu o terreno denominado o «Terreiro de D. Aleixo», onde depois se deveria erguer o mosteiro.

Mais tarde, a 15 de Setembro de 1630, aqui entraram solenemente as primeiras freiras, dando-se assim cumprimento às disposições testamentárias da Infanta. O edifício encostava-se, pela banda de dentro, à muralha da cerca de D. Fernando, cujas ruínas ainda hoje ali se patenteiam.



---

Havia, neste convento, três categorias de senhoras: as religiosas, as moças de coro e as recolhidas. As primeiras, seriam de nobre linhagem e de nomeação régia. As moças de coro, que podiam depois passar a religiosas professoras, usavam mantos brancos com a cruz de Avis, frequentavam o Paço, onde entravam com elles a arrastar, privilégio que só era concedido às embaixatrizes, e possuíam todas as honras inerentes ao título de «condessa». Finalmente, as recolhidas eram aquelas senhoras que, sendo casadas, aqui se abrigavam enquanto seus maridos estavam ausentes ao serviço de el-rei, e, sendo donzelas ou viúvas, preferiam a vida claustral, sossegada e tranquila.

A Comendadeira era de eleição régia, precedida de consulta da Mesa de Consciência e Ordens, e sempre escolhida com rigorosa atenção, pois tinha por súbditos pessoas da mais alta nobreza.

---

Em 1734, um grande incêndio destruiu parte do edifício, e as religiosas recolheram-se no mosteiro das Comendadeiras, em Santos-o-Novo, tendo posteriormente regressado ao Convento, depois de mandadas fazer, por D. João V, importantes obras de reedificação.

Poucos anos volvidos, por ocasião do grande terramoto de 1755, o edifício voltou a ser duramente atingido, em virtude do que foram as religiosas forçadas a abandoná-lo, mais uma vez, refugiando-se no Convento de Santana, em cuja cerca fizeram construir casas abarracadas. O Rei D. José ordenou que se fizessem as obras necessárias, as quais estavam concluídas em 1758.

«As nobilíssimas religiosas» — assim se lhes refere um escritor da época — voltaram para o mosteiro em coches que o monarca mandou pôr à sua disposição.

Com o Liberalismo, extintas as Ordens religiosas, o mosteiro de N. S.<sup>a</sup> da Encarnação perdeu, a pouco e pouco, o seu carácter próprio. Depois de várias vicissitudes, abandonado e esquecido durante largos anos, este real mosteiro surge-nos, mais tarde, com a designação inexpressiva de «Recolhimento da Encarnação».

Proclamada a República, frustraram-se todas as tentativas no sentido de desalojar as senhoras que aqui se encontravam recolhidas, a fim de ser dado outro destino ao edifício, a despeito das mesmas terem pago o respectivo «piso», como então se dizia, ou seja o seu direito de habitação, e de terem feito, ao mesmo tempo, como a praxe impunha, os dois presentes de prata à Senhora Comendadeira. A Igreja



foi encerrada e só reaberta ao culto durante o consulado do Presidente Sidónio Pais.

---

Após a publicação do Decreto-lei n.º 38.108, de 7 de Novembro de 1945, que reorganizou os serviços de assistência, foram os chamados Recolhimentos da Capital — as Merceeiras de El-Rei, os Recolhimentos de Nossa Senhora da Encarnação, das Comendadeiras de Santos-o-Novo, de S. Cristóvão, de Nossa Senhora do Amparo, ao Beato, de D. Lázaro Leitão e de Campolide, integrados no Instituto de Assistência aos Inválidos, competindo-nos, por força da lei, a direcção dos mesmos.

Alguns momentos de ponderada reflexão sobre a natureza do esforço assistencial que nos foi confiado, serão suficientes para evidenciar não só a delicadeza do problema, mas também e muito principalmente, as naturais e lógicas dificuldades que equacionam as soluções desejadas.

Não é — embora a maioria das pessoas o ignore — uma assistência vulgar, igual a tantas que por aí se prestam. Excede-as a todas no grau de piedade, veneração e respeito exigidos pela qualidade, bastante *sui generis*, das pessoas beneficiadas.

A própria disciplina, naturalmente indispensável, não pode ser imposta, segundo as normas vulgares — e a observância do regulamento tem de resultar mais da compreensão espontânea das pessoas que devem cumpri-lo do que da intervenção de quem, no fim de contas, é verdadeiramente responsável pelo regular funcionamento de toda a organização.

O ambiente interno de cada recolhimento precisa de ser, até onde as circunstâncias o permitam, agradável, suave e familiar, atenuando as agruras das pessoas que neles se acolheram, esperando, em resignação relativa, que a vida atinja o limite, que Deus lhe haja marcado.

A maior parte do nosso público não sabe — e é pena que o não saiba — que as duzentas senhoras que vivem nos recolhimentos, sob a protecção do Estado, já tiveram situações económicas desafogadas, e, muitas delas, os seus nomes ligados a figuras militares, que prestaram à Pátria serviços distintos.

Viveram horas altas de entusiasmo e de beleza, acompanhando, como inspiradoras, os grandes feitos de armas, em que se empenharam seus pais, seus maridos ou seus irmãos. E, desta forma, cooperaram directamente na obra de segurança nacional, prolongando a tradição das esforçadas Donas dos outros tempos. Serviram a Nação, com paixão e carinho, dando um magnífico exemplo de lusitanas virtudes. Atingidas, depois, por golpes de infortúnio, a sorte abandonou-as; mas a



Pátria, sempre reconhecida, deu-lhes, na hora própria, o conveniente amparo.

Não são, portanto, como vulgarmente se julga, simples asiladas, sem mentalidade, nem categoria, que vivem dos favores do Estado. São, pelo contrário, na sua maioria, pessoas educadas e cultas, que sabem o que foram e têm a consciência do bem que fizeram, quando podiam fazê-lo.

Deste conjunto de circunstâncias ressalta, naturalmente, a extrema delicadeza da tarefa, que nos foi confiada, ao serviço da qual temos posto o melhor da nossa boa vontade, procurando resolver os problemas com a inteligência, mas, sobretudo, com o coração.

Assim o exigem ou, pelo menos, aconselham, a categoria, a idade avançada e o débil estado de saúde das pessoas que habitam os nossos recolhimentos. E se o desempenho do cargo nos dá abundantes preocupações, dá-nos também o íntimo consolo de podermos colaborar na realização de uma obra que dignifica Portugal e bem merece a gratidão da comunidade.

Minhas Senhoras,  
Senhores:

Detenhamo-nos agora, por instantes, a examinar alguns aspectos da vida deste recolhimento.

No dia 18 de Julho de 1947, foi inaugurada, pelo saudoso Chefe do Estado, Marechal Óscar Carmona, esta «Sala da Infanta» — como já hoje é conhecida —, onde tenho a honra de receber VV. Ex.<sup>as</sup>.

Nela se reuniram, à volta do seu retrato, as condecorações dos pais e dos maridos das senhoras que ainda hoje aqui se encontram recolhidas, além de outras relíquias e obras de arte.

A sua organização, porém, só foi possível depois de se promover, no Museu de Arte Antiga, a restauração de alguns velhos quadros, há muito abandonados em arrecadações, os quais corriam graves riscos de perder-se. O próprio retrato da Infanta — já seriamente ameaçado, por se encontrar cheio de larvas — foi entrelado, restaurado e emoldurado no mesmo Museu Nacional.

No átrio da entrada do mosteiro, tapando a porta que dá acesso à escada nobre, encontrava-se assente, no chão, esse quadro formosíssimo que representa S. Bento, rodeado de religiosas e de moças de coro, atribuído às escolas dos pintores André Gonçalves e Bento Coelho. Removido para esta sala, foi depois convenientemente restaurado e limpo. E assim foi possível salvá-lo.



Numa das principais vitrines, na da esquerda, procurou-se reconstituir um pouco da antiga vida conventual, colocando-se, em lugar de destaque, o manto branco com a Cruz de Avis, que voltou, agora, a ser de novo usado pelas «moças de coro», nas festas solenes.

Na outra, guardam-se alguns paramentos, feitos de um vestido da Infanta, segundo reza a tradição.

Numa galeria separada, presta-se singela homenagem aos que deram a vida pela Pátria:

- ao Tenente Manuel Maria de Bessa Monteiro, morto pela consolidação do Império, nas campanhas do sul de Angola;
- ao guarda-marinha Carlos Elói da Mota e Freitas, morto no combate naval do Atlântico, ao lado de Carvalho Araújo;
- ao Capitão João Pimentel Feio Ferreira da Silva, morto na guerra civil de Espanha, ao serviço de Deus e da Pátria.

Importa, porém, salientar que, desde o arranjo das paredes, até às cantarias das portas e janelas, que alguém de mau gosto fez pintar a tinta de óleo; desde a conservação e compra de móveis, até à reunião de certas relíquias, que andavam dispersas, tudo foi por nós realizado com a ajuda da recolhida Sr.<sup>a</sup> D. Maria João de Luna Andermatt — uma grande artista a quem se devem as duas preciosas iluminuras expostas na vitrine central, — num persistente trabalho de culto pelo passado.

---

Durante longos anos, o acesso ao recolhimento fez-se através duma pequena escada de serviço, em virtude de a Farmácia do Exército ocupar o rés-do-chão do antigo convento, impedindo a utilização da escada principal.

Norberto de Araújo refere o facto no livro IV, a págs. 15, das suas *Peregrinações em Lisboa*, publicadas em 1939.

Ouçamo-lo:

«Hoje não há entrada nobre para o Convento, pois o átrio está ocupado por uma delegação da Farmácia Central do Exército, que aqui ficou, apesar do edificio deixar de depender das Ordens Militares».

«O serviço do recolhimento é feito por esta estreita escada à direita, antiga da criadagem».

E acrescenta, a seguir:

«Vamos subir a portaria do recolhimento para, internamente,



descermos à base da longa escadaria, na ilusão de que... entramos pela porta principal».

Com a saída da delegação n.º 1 da Farmácia Central do Exército, e depois de convenientemente restaurada a portaria, o acesso ao antigo convento passou a ser feito como outrora.

Outros serviços estranhos aqui se encontravam igualmente instalados, tais como uma oficina de encadernação, pertencente a Eduardo Benoit, e, até, o «Grupo Desportivo da Pena», que, numa das dependências, tinha improvisado um campo de basquetebol.

Após a saída destes serviços, foi possível restituir ao recolhimento a sua entrada nobre, tendo a antiga escada da criadagem passado a ser utilizada, apenas, para serviço da Enfermaria da Rainha Santa Isabel, a que, em seguida, nos vamos referir.

---

A população dos sete recolhimentos é constituída, na sua grande parte, por pessoas idosas, que, quando doentes, se viam obrigadas a utilizar as enfermarias do Asilo de Velhos de Marvila.

Porque se tratava de senhoras, a prática não nos parecia aconselhável e, por isso, desde que assumimos a responsabilidade deste cargo, com aquele optimismo que continua a ser o melhor companheiro de quem trabalha e realiza, fixamos o espírito na criação duma enfermaria privativa, de ambiente familiar e carinhoso, que pudesse servir, não só à comunidade desta casa, mas ainda, e sempre que seja necessário, às dos outros recolhimentos.

Com a sua inauguração, em 4 de Julho de 1950, desfez-se, assim, uma impressionante anomalia da nossa organização assistencial.

No intuito de afervorar o culto pelos nossos altos valores morais, colocou-se essa enfermaria sob a especial protecção da Rainha Santa Isabel — exemplo admirável de preciosas e raras virtudes.

---

Neste recolhimento, ainda hoje se encontram abrigadas cerca de 70 senhoras, filhas, viúvas e descendentes de oficiais do Exército e da Armada, que prestaram à Pátria serviços relevantes. Todas dispõem de casa própria, vivendo portanto em economia separada.

As funções de regência foram entregues à recolhida Sr.ª D. Georgina Ferreira da Silva, mãe do heróico capitão João Pimentel Feio Ferreira da Silva, a quem há momentos nos referimos, funções que vem desempenhando, há cerca de 4 anos, com extraordinária dedicação; importa salientar o facto de ter renunciado à gratificação a



que, na sua qualidade de regente, tinha direito, sendo assim credora do nosso respeito e homenagem.

Está-lhe, pois, confiada a direcção e administração da «Casa».

---

Após o falecimento da última comendadeira, Sr.<sup>a</sup> D. Carlota Amélia de Freitas Alzina, a 18 de Abril de 1947, quando já completara 95 anos, mostrámos a vantagem que haveria em serem nomeadas novas «moças de coro», já que das antigas poucas restavam, a fim de que a tradição se não perdesse.

Efectivamente, algum tempo decorrido, nomearam-se nove «moças de coro», existindo presentemente doze senhoras a quem foi conferida tal dignidade, e que são, ao mesmo tempo, recolhidas.

Por uma provisão de Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, de 24 de Dezembro do ano findo, foi confirmada a eleição da Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Soledade Pina Manique para desempenhar as funções de comendadeira, tendo-se revestido da maior solenidade a sua investidura, no passado dia 14.

Porque é a primeira vez que nos encontramos numa cerimónia pública, seja-me lícito, também, apresentar-lhe as minhas saudações e homenagem.

---

Todos os anos aqui se celebra uma festa religiosa, com a mais luzida pompa, por ocasião do oitavário do Corpo de Deus, organizada pela Irmandade das Escravas do Santíssimo Sacramento, a quem está confiada a igreja e a manutenção do respectivo culto.

Desta irmandade fizeram sempre parte as rainhas de Portugal, desde a Senhora Dona Maria Francisca de Sabóia, primeira mulher de D. Pedro, até Sua Majestade a Rainha Senhora D. Amélia, as quais tomavam o título de «Escrava das Escravas».

A presidência da irmandade está hoje confiada à Sr.<sup>a</sup> Condessa de S. Lourenço.

No dia da festa, uma majestosa procissão percorre os claustros, ao som de cânticos litúrgicos, precedida das senhoras recolhidas e das «moças de coro», estas com os seus mantos brancos, onde sobressai, como antigamente, a cruz floreteada da Ordem de Avis.

---

A cada passo se nos deparam, neste convento, capelas, oratórios



e pequenos altares, e em toda a parte se vêem quadros, alguns de boa pintura, tendo por motivo, quase sempre, S. Bento, o patrono, e Nossa Senhora, nas suas diversas invocações.

A meio da escada principal um formosíssimo quadro representa S. João de Deus. Em redor do claustro estão distribuídos 10 oratórios ou pequenas capelas. A chamada «Escada de S. Bento» conduz ao terraço, sobre os claustros, conhecido outrora por o «passeio» das religiosas.

O acesso às antigas celas era feito pelo «Largo de Santo António», situado ao cimo da escada nobre.

Deixemos agora o recolhimento pròpriamente dito e entremos na igreja do antigo mosteiro.

Estamos no «coro de cima», um aposento original, onde se reuniram, num pequeno espaço, altares, imagens, quadros de todos os tamanhos, entre os quais se destaca, pela sua beleza, o que representa «Jesus diante de Pilatos» e um rico altar de talha dourada.

Descendo ao «coro de baixo», ali se nos depara um admirável conjunto de cadeirais, em cujos topos se encontram os confessionários, ficando o lugar do sacerdote do lado da igreja, como era da regra. É também defendido, como o «coro de cima», por uma grade do tipo conventual.

O templo está revestido de azulejos e de vários quadros, alguns de incontestável valor artístico.

O altar-mor é coberto de prata: banquetas, cofre, sacrário, trono e lampadário, representando tudo isto um valor material incalculável.

Atribui-se o projecto a João Pedro Ludovici, architecto das obras do convento de Mafra e autor da capela-mor da igreja de S. Domingos e da porta da capela real da mesma igreja. O fundo da capela-mor é todo em talha dourada, de bom lavor. Sob a grade do «coro de baixo», há um majestoso quadro representando S. Bento, attribuído a André Gonçalves.

Aqui eram armados, outrora, os cavaleiros de Avis, que ficavam, durante a noite, velando as armas, no templo.

Com segurança se pode afirmar que a igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação é, pela sua beleza, uma das mais ricas e sugestivas da cidade de Lisboa.

---

A finalizar, apenas mais alguns apontamentos, recolhidos ao acaso:  
Num dos recantos do claustro existe ainda hoje uma velha arrega-



dação, conhecida outrora pela «casa do segredo». Diz a tradição que, neste aposento, era o chamado «castigo» das recolhidas, que não das nobres damas, evidentemente. Ao fundo, vê-se a boca de um túnel, que não se sabe onde vai dar, se à igreja ou se a outro convento, como pretendem certas imaginações mais fantasiosas...

---

A «Casa da Esparragosa», que ocupa os terrenos confinantes com a Calçada de Santana, existia já, com tal designação, antes da fundação do convento, tendo mais tarde sido incorporada nele.

Este edifício é o sucessor dumas casas que no século XVI aqui existiram, encostadas à muralha, que foram pertença de Estêvão de Esparragosa e, depois, de seu filho Jorge de Esparragosa. Ainda hoje é assim conhecida entre os moradores do convento.

---

Nalguns prédios, situados neste recanto da encosta de Santana, estão colocadas pequenas lápides com a palavra «Menezes», como que a lembrar a obrigação de pagamento do respectivo foro aos descendentes de D. Aleixo de Meneses, proprietário do chamado «Terreiro de D. Aleixo», onde depois, como se disse, viria a ser construído o convento.

Entre todas, interessa destacar aquela que, pelos séculos fora, ainda hoje se nos depara, aqui, a algumas dezenas de metros, apesar de colocada numa casa do «Beco dos Birbantes», ou melhor, dos trantantes, dos patifes, dos biltres, conforme a etimologia da palavra ensina.

---

Há nomes de certas ruas, travessas e becos, sobre a origem dos quais pesa um denso mistério. Está neste caso, por exemplo, o Beco da Índia, situado, aqui, mesmo em frente do Largo. António Nobre refere-se-lhe nestes versos:

Ó Lisboa das ruas misteriosas!  
Da *Triste Feia*, de *João de Deus*,  
Beco da *Índia*, *Rua das Formosas*,  
Beco do *Fala-Só* (os versos meus...)

E outra rua que eu sei de duas *Rosas*,  
Beco do *Imaginário*, dos *Judeus*,  
Travessa (julgo eu) das *Isabeis*,  
E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.



À Índia, «nossa perdição e nossa glória», como escreveu alguém, entenderam que a melhor homenagem a fazer-lhe era confiná-la num beco acanhado e estreito — e, para mais, *um beco sem saída...*

---

Sem desejarmos tomar posição na querela em que discutiram brilhantemente D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e o Padre José Maria Rodrigues, entre outros, a propósito de Camões se haver ou não enamorado da Infanta Dona Maria, regista-se apenas o facto de, aqui, bem próximo, numa casa situada na Calçada de Santana, junto à antiga ermida de Nosso Senhor Jesus da Salvação e Paz, e da Senhora das Dores, há anos demolida, ter vivido e morrido, segundo a tradição, o nosso grande Épico...

---

No ano de 1783 deu entrada neste convento D. Olímpia Patronellia Ernestina de Shaumbourg Lippe, filha natural do Marechal-General Conde Guilherme de Shaumbourg Lippe, que fora baptizada na Igreja Matriz de Campo Maior, próximo de Elvas, em 24 de Junho de 1764.

Tinha, portanto, 19 anos.

Apesar de o pai já haver falecido, a Rainha Dona Maria I mandou dar-lhe um riquíssimo enxoval, por ocasião do seu ingresso no convento, enxoval que importou em 2.267\$43,5; registre-se que só com a prata, destinada certamente aos presentes à comendadeira, como a regra impunha, fora dispendida a importância de cerca de 500\$000 réis.

Aqui se conservou durante 12 anos, vindo, depois, a casar com Norberto António Chalbert, cirurgião da Casa Real.

---

E agora, com a devida vénia, a última curiosidade:

«No Largo do Convento da Encarnação, à esquina do beco que desce até às Escadinhas da Barroca, existe uma pequena casa, cheia de pitoresco, das mais antigas desta área de Santana. É o prédio n.º 1 do Largo. Tem uma configuração quase pura de setecentos, gracioso na sua fachada, escada exterior, conjunto e até na cor de que se deixou revestir.

«Não é uma ruína: é uma reminiscência» — escreve Norberto de Araújo, que desde o início nos tem acompanhado nesta peregrinação.

«Acusa um toque do final do século do terramoto e retoques posteriores, mas na sua harmonia, e até mesmo na tessitura, é um do-



cumento de raro pitoresco de Lisboa, de que os aguarelistas ainda se não lembraram».

Minhas Senhoras,  
Senhores:

Procurámos dar a VV. Ex.<sup>as</sup>, em pinceladas rápidas, um retrato, tanto quanto possível fiel, da história e vida actual desta magnífica instituição.

É, pois, tempo de terminar.

Mais eloquentes do que as minhas palavras vos falarão as pedras deste mosteiro, em que cada uma delas é um padrão do orgulho e do amor com que é feito o Portugal Eterno, criado pelo nosso Sonho.

Tenho dito.

28 de Fevereiro de 1954.



# NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE MINIATURAS OLISIPONENSES

por GUIDA KEIL

HÁ tempos, os «Amigos de Lisboa», no seu desejo e hábito de interessar os sócios em manifestações de carácter cultural, sugeriram a ideia desta exposição; pareceu-me difícil organizá-la com os poucos elementos olisiponenses de que dispunha, mas por fim, solicitada, acedi a empregar a melhor vontade em reunir, tanto quanto possível, o que se ligasse a Lisboa; mas pensei que o conjunto da minha colecção a tornaria mais atraente, embora a maior parte das caixas não sejam de Lisboa nem mesmo de Portugal e não pretenda compará-la com algumas colecções de caixas que em Lisboa existem, como a do Dr. Ricardo Espírito Santo, que é numerosa e rica, a do Sr. Abílio Jorge e mais algumas.

Há um núcleo que é pròpriamente da nossa cidade, ao qual juntei umas peças curiosas: leques e miniaturas, que não ficam mal por serem portuguesas e de Lisboa.

Estas pequenas coisas foram pacientemente colleccionadas por meu pai, Alfredo Keil, meu irmão, Luís Keil e por mim, pois esta família Keil teve e tem o espírito inato de colleccionador de tudo o que evoque usos e costumes de outras eras, de simples curiosidade ou objectos de Arte; foram duas gerações a rebuscar e comprar nos ferro-velhos, em casas particulares, por toda a parte onde sonhássemos que poderíamos encontrar quadros, louças, *bibelots*, tecidos, enfim, todas as velharias que nos seduziam e que no tempo de meu pai raras pessoas conheciam e apreciavam.

Poucos antiquários estabelecidos havia então em Lisboa: o Luís da Costa, na Rua do Alecrim, que era o mais conhecedor porque viajara pelo estrangeiro e aprendera muito; por sua loja passaram talvez as melhores antiguidades que havia em Portugal, que se foram para outros países, pagas por preços que nenhum colleccionador português se atreveria a dar. Outro antiquário, o Vilas, com mais intuição do que conhecimentos sérios, mas com tanto tacto comercial que chegava a fazer excelentes negócios; o ourives Cunha, da Rua da Palma, onde se adquiriram muitas destas caixas e outros objectos antigos na posse da família Keil; e poucos mais comerciantes de antiguidades, a não ser uns intermediários; um chamado Noro e um outro cego, cujo nome não me



ocorre, que descobria preciosidades, não sei como, eram assíduos, em casa de meu pai. Depois... estes «especialistas» multiplicaram-se e hoje é o que VV. Ex.<sup>as</sup> sabem: lojas de antiquários e intermediários são às dúzias, se não aos contos, mas as boas antiguidades cada vez mais raras e mais caras, e da ignorância de vendedores e compradores nem falar é bom! Bem sei que há quem esteja acima desta inofensiva crítica, sejamos justos; esses são conhecidos e conhecedores, portanto respeitados.



As caixinhas, que agora nos interessam, sempre mereceram a preferência para oferecer como lembranças mais ou menos valiosas, mas a partir do século XVIII, o grande século da opulência e do bom gosto, desde os Reis e Príncipes aos mais simples burgueses, conforme era moda, ofereciam caixas quando desejavam obsequiar alguém.

Intensificou-se o seu fabrico, principalmente em França, centro das elegâncias, outrora como hoje, e onde se encontravam os melhores ourives e cinzeladores, os mais delicados miniaturistas e artífices dos pequenos objectos de *toilette* e adorno. De França tudo isto transbordou para outros países da Europa e então, em toda a parte se fabricavam estas verdadeiras jóias de metais preciosos incrustadas de pedras, de outros materiais menos ricos, com miniaturas de Isabey, Guérin, Quaglia, Bouvier, Drouin; cinzeladores e ourives especializados como Draï, Vachette, Tiron, Le Bastier, em França; Engelbrecht, Baumgartner, em Augsburgo; Taddel, Theremin, os irmãos Jordin, em Berlim, desenharam e cinzelaram preciosas caixas e estojos, que hoje se vêem e apreciam nas colecções conservadas nos Museus da Europa.

Homens e mulheres, usavam e... abusavam das caixas para variados usos. Nas enormes algibeiras das casacas e nos bolsos disfarçados nas saias de «paniers» as caixas destinadas a rapé, pastilhas, pós, cremes de beleza, medicamentos, lacre, costura, das mais valiosas às mais modestas, eram em quantidade apreciável; aquelas que se adornavam de miniaturas, retratos de seres amados ou fantasias galantes, as de esmaltes representando cestos de flores, pássaros, sapatos, tudo o que a fantasia permitia, eram verdadeiras jóias de graça e bom gosto.

Em Portugal também se faziam caixas, principalmente com retratos em miniatura de Príncipes e Princesas reinantes e personagens e destaque ou alegorias, e os bons miniaturistas, Primavera, Almeida Santos; os «Gattas», uma família de artistas, José de Almeida Furtado o pai, Maria das Dores, Doroteia e sobre todos Francisca e Tadeu; Eduardo Lobo de Moura, que em Londres se celebrizou com o nome de «Moira»; Santa Bárbara; Taborda e outros, assinaram os retratos que aí estão patentes provando os seus méritos; são Reis, Príncipes e Princesas, D. Sebastião, D. José, Príncipe do Brasil e D. José, Rei; André de Castro, físico-mor de D. João IV; um filho dos Condes de Abrantes (estes de autores desconhecidos); D. Maria II; D. Carlota



Joaquina; D. João VI; D. Pedro; D. Miguel; D. Carlota Angeja, muito feia, como todas as irmãs; Bocage moço ainda; o Conde de Farrobo; senhoras da Corte e da burguesia; médicos; magistrados, cavalheiros de fardas, ou de casacas de seda e de veludo ostentando condecorações portuguesas; um curioso retrato de D. Carlota Joaquina muito novinha, quando veio para Portugal, com os cabelos cortados por causa dos parasitas que o pouco asseio deixara proliferar, o que tanto cuidado merecia ao Príncipe D. João.

Chamo a atenção para uma fita de seda branca bordada, com uma inscrição: «Flores que curam o mal de amores». É um testemunho da ingénua credence portuguesa do século passado; destinava-se a ser cingida pelas senhoras no último período de gravidez para que tivessem um bom sucesso... isto é: a cura do mal de amores!



As caixas de proveniência estrangeira são mais numerosas e algumas bastante boas, francesas, inglesas, italianas, com miniaturas assinadas, de esmaltes, de ouro e prata cinzelada, lápis lazúli, aventurina, ágatas, burgau (que é uma espécie de madrepérola fabricada), tartaruga, marfim, cristal, mosaicos, porcelana, madrepérola, *galuchat* (pele de peixe preparada e colorida) e até de simples cartão, formam um conjunto agradável à vista, alguns merecendo observação detalhada.

Todas estas coisas são grande parte do encanto que encontro na minha vida; passo horas a contemplá-las, aflagando-as carinhosamente, estudando a sua proveniência, procurando uma assinatura, uma marca no ouro ou prata que me elucide ou fantasiando cenas ligadas a cada um destes pequenos objectos, que representam, pelo menos, galantaria, talvez amor, saudade... Visiono um grande senhor de cabeleira, casaca bordada, sentado em amplo cadeirão de sola brasonado, recebendo uma visita; abre a sua preciosa caixa de rapé: «uma pitada, marquês?» e sorvendo um pouco do aromático pó que aperta entre dois dedos, sacode com um elegante piparote uns restos de rapé que ficaram nos bofes de renda...

Visiono uma galante mulher cheia de graça, cabelos empoados, sinais na face, sedas, rendas, laços... e uma leve tristeza na expressão do seu rosto bonito... que saudades *dele*, que está longe! Suspira e, para acalmar os nervos, *os vapores*, como então se dizia, tira da caixinha de esmalte uma pastilha de anis...

Vejam quanto pode a fantasia e o amor a estas velhas coisas! Aí estão, nessas vitrinas e, minhas senhoras, se quiserem observá-las com um pouco do bom romantismo português, é possível, (sabe-se lá!) que descubram a espreitar de alguma caixinha entreaberta um pequeno Eros de asas palpitantes.

Desculpem VV. Ex.<sup>as</sup> tê-los aborrecido uns minutos com as minhas insulsas palavras.



## ACTIVIDADE CULTURAL NO TRIMESTRE PASSADO

**S**EGUNDO o prescrito, como programa da nossa actividade, na circular n.º 135, realizaram-se no mês de Abril duas visitas, uma às instalações do novo Matadouro Municipal, sob a direcção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Filipe Morgado Romeiras, que, pela grandiosidade da obra, deixou os visitantes admiravelmente impressionados, e outra à Mãe-de-Água, das Amoreiras, e ao Aqueduto das Águas Livres, tendo os visitantes sido recebidos e acompanhados em todo o percurso, até ao Alto da Serafina, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng.º Amílcar de Melo e tendo sido lida no início, pelo Secretário-Geral, uma palestra da autoria do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gustavo de Matos Sequeira, que não pôde comparecer.

A qualquer destas visitas de estudo compareceram cerca de 500 pessoas.

Em Maio a actividade do Grupo, além da sua comparência habitual na Feira do Livro, circunscreveu-se a uma visita de estudo a Vila Viçosa, para a qual se inscreveram cerca de 300 pessoas, que foram cumuladas de atenções pelos representantes do Grupo «Amigos de Vila Viçosa», tendo à frente, além do digno Vice-Presidente da Câmara Municipal, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Joaquim Torrinha e do Conservador do Palácio Ducal, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João de Figueiredo, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Alexandre Torrinha, Presidente do Grupo, acompanhado pela maioria dos seus colegas da Direcção. A visita e o almoço, que foi servido numa das salas do Castelo, decorreram num interessante ambiente, que todos muito apreciaram, e teve o patrocínio do Conselho de Administração, da Fundação da Casa de Bragança, particularmente do seu Presidente, o nosso illustre consócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Doutor António Luís Gomes, que se fez representar.

Durante a última quinzena realizou-se, na sede, a Exposição Bibliográfica «Amigos de Lisboa», que atraiu algumas centenas de pessoas e que fechou com uma conferência crítica, sobre a vida do Grupo, pelo Vice-Presidente da Junta Directiva Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gustavo de Matos Sequeira, conferência que se realizou no último dia do mês.

Na Exposição que, foi inaugurada pelo Ex.<sup>mo</sup> Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, com a assistência de vários funcionários superiores da Câmara e grande número de sócios, usaram da palavra, além do Presidente da Junta Directiva, o Secretário-Geral, e o Sr. Vice-Presidente da Câmara,



que enalteceu os serviços do Grupo a «*Bem da Cidade*» e recordou os seus tempos de fundador, membro da comissão instaladora e seu primeiro Secretário-Geral.

Na sala em que figurava a exposição consagrada às obras olisiponenses dos sócios viam-se numerosas obras dos nossos consócios Eng.º Vieira da Silva, Norberto de Araújo, Matos Sequeira, Pastor de Macedo, Profs. Costa Sacadura, Celestino da Costa, João Pereira Dias, Amorim Ferreira; Drs. Rodrigues Cavalheiro, Francisco Cancio, Paulo Cantos, Ferreira de Almeida, Lopes Dias, Braga Paixão, e dos Srs. Godofredo Ferreira, Alfredo Ferreira do Nascimento, Sampaio Ribeiro, Mário Costa, Portocarrero Casimiro, José António Barcia, F. A. de Oliveira Martins e Ferreira de Andrade, Eng.º José Perry de Sousa Gomes, Ricardo Teixeira Duarte, e de obras artísticas com motivos olisiponenses dos sócios Dr. José Cruz, Luís Trindade e Eduardo Portugal.

Em vitrine especial exhibiam-se, além dos ex-libris do Grupo, os dos sócios Matos Sequeira, Doutor Eduardo Neves, Hugo Raposo, Lino António Afonso, Dr. Paulo Cantos, Ortiz, Ramiro Barros Rosa, Manuel Cardoso Marta e os da Câmara Municipal de Lisboa.

Para a Exposição trouxeram espécies das suas colecções particulares, além do Secretário-Geral, o primeiro secretário da Mesa da Assembleia Geral, Ex.º Sr. Teodoro Lopes Ramos e o Dr. José Cruz.

Em Junho realizaram-se duas visitas: uma à Fábrica de Cerveja Estrela, que reuniu mais duma centena de sócios e que foi dirigida pelo nosso consócio Prof. Dr. Raul de Carvalho e pelos directores da respectiva Empresa, e a outra ao Asilo a «*Caridade*», na Rua Barão de Sabrosa, que foi dirigida pelo nosso consócio Ex.º Sr. Dr. Rosado Fernandes. Em ambas os visitantes foram obsequiados amavelmente com bem servidos lanches.

E. N.



PALAVRAS PROFERIDAS PELO SECRETÁRIO-GERAL DO GRUPO  
SR. DR. EDUARDO NEVES NO ACTO INAUGURAL  
DA EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA «AMIGOS DE LISBOA»

A Exposição que hoje vamos inaugurar, no seu êxito ou no seu fracasso, é da minha inteira responsabilidade.

De facto, ao iniciar a minha actividade de Secretário-Geral, por que a tarefa era pesada, não só pelas responsabilidades que lhe são próprias, mas também pela categoria dos meus antecessores, pensei em dar mais intensa vida cultural ao Grupo.

O primeiro Secretário-Geral foi o nosso sócio fundador Luís Pastor de Macedo, que ora é Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e que, como representante da edilidade lisbonense, nos dá o prazer e a honra de vir hoje inaugurar este certame; o segundo foi o actual Director Tesoureiro, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Hugo Raposo.

Ambos revelaram o seu acrisolado amor à terra onde nascemos, o primeiro na fase inicial, sendo tudo, suprimindo tudo, com o seu tacto, saber e poder de organização, o segundo com o seu método e carinho de probo e ilustre comerciante da nossa praça, de esmerado trato.

Pensei que, a par das visitas de estudo, e culturais ao património olisiponense, do seu termo e doutras terras do país, além dos edifícios da cidade, não ficaria completa a nossa missão cultural sem a realização de conferências, o que aliás era sequência do já estabelecido, como também com a realização de uma série de exposições, que creio têm constituído assinalado êxito e não são das menos meritórias e úteis das nossas actividades. Para dar o exemplo, trouxe para a sede os meus jornais olisiponenses e os meus registos de santos como já anteriormente tinha trazido, para ilustrar as minhas conferências, as minhas medalhas, as minhas moedas, os meus selos e os meus *ex-libris*; outros quiseram colaborar comigo, e, assim, tivemos os desenhos de Artur Trindade, as silhuetas do Dr. José Cruz, as imagens de Santo António, do Dr. Pinto de Aguiar, e culminando artisticamente a série, os quadros olisiponenses de Alfredo Keil e as miniaturas da sua colecção. Breve teremos uma exposição de cerâmica, de Maria de Portugal.

Ao passar, antes de VV. Ex.<sup>as</sup>, como me cumpria, a última revista à exposição que ides inaugurar, verifiquei, com prazer e até com certo orgulho de sócio fundador que sou, que, de facto, em 18 anos, uma instituição particular, vivendo exclusivamente da quotização dos seus sócios, realizou uma obra cultural que se traduz por mais de 200 visitas de estudo, numerosas exposições e conferências, a publicação de mais duma centena de volumes e separatas do nosso *Olisipo*, que conta 66 números, e tem publicado regularmente mais de 3.000 páginas impressas e profusamente ilustradas.



Para não cansar VV. Ex.<sup>as</sup>, que em grande número são nossos consócios e têm acompanhado, alguns bem de perto, a nossa actividade, não referirei em pormenor o que os objectos expostos demonstram exuberantemente.

Como VV. Ex.<sup>as</sup> vêem, a exposição consta de uma parte histórica, em que se exibem os livros, actas e outros documentos da fundação do Grupo, em 1936; uma parte consagrada à actividade editorial do Grupo, sendo de notar que no nosso boletim têm sido versados os temas mais variados, como sejam a história da cidade, a sua arquitectura, o seu pitoresco e a sua cor; e uma secção de fotos e documentos, demonstrando a sua actividade cultural e, finalmente, uma sala destinada às obras lisiponenses dos seus sócios.

De facto o Grupo «Amigos de Lisboa», nos seus 18 anos de actividade, tem realizado obra meritória e desinteressada — a Bem de Lisboa — como é seu lema. Pela sua presidência têm passado, os vultos mais grados da cidade: Mestre Vieira da Silva, seu primeiro sócio de honra, e os Profs. Reinaldo dos Santos e Celestino da Costa, que actualmente preside à Junta Directiva, de cuja Vice-Presidência se têm ocupado sempre o académico lisiponense Matos Sequeira.

Pela sua Assembleia Geral têm passado os Drs. Levy Marques da Costa, Alberto Mac-Bride e o actual titular, Prof. Freitas Simões.

Na Vice-Presidência da Assembleia Geral temos visto, entre outros, o jornalista Norberto de Araújo, infelizmente falecido e o Eng.<sup>o</sup> Teixeira Duarte, na actualidade.

Tem sido intensa a actividade do Grupo, em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, a Imprensa e a Rádio, em várias comemorações lisiponenses e tem representado junto dos Poderes Públicos sempre que é justo e necessário defender o Património artístico da cidade.

É o momento de lembrarmos os nomes dos que, caídos durante a campanha, deixaram perdurável nome pelas suas obras e pelo seu labor em prol de Lisboa; como friso de recordação e preito de homenagem se exibem na mesa da Presidência os retratos dos principais.

Se não fora a colaboração de todos certamente não teria sido possível, em 18 anos, fazer tanto e tão bem.

Assim tem sido, em verdade — a Bem de Lisboa — a nossa tarefa e assim continuará a ser, se Deus quiser.



# FEIRA DÁ LADRA

## UMA ESTÁTUA A D. JOÃO V EM LISBOA?

NO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», do dia 27 do mês passado, insere-se um artigo, subscrito pelo artista pintor, sr. Aires de Carvalho, Conservador do Palácio Nacional de Mafra, em que se faz pormenorizada referência a uma estátua erecta ao Rei D. João V, que existia em Lisboa, junto do Arsenal, conforme o depoimento escrito do anónimo autor da «Description de la ville de Lisbonne — 1730», notícia esta corroborada, no entender do articulista, pelo raro folheto do escultor italiano João António Belline de Pádua que, aliás, nada prova quanto à existência da referida obra escultórica. João António de Pádua, cuja actividade artística no nosso país é bastante conhecida, em tal folheto não faz senão a resenha descritiva do seu imaginoso projecto de uma fonte monumental, de tipo italiano bem marcado, pródiga de figuras alegóricas e culminada pela estátua equestre do rei magnânimo, motivo cortêsão que também foi usado por Carlos Mardel nos dois projectos de Fontemonumento, de que se guardam os riscos no nosso Museu Municipal.

A suposta estátua a D. João V, não deve representar senão um lapso, como outros muitos, do anónimo autor da «Description de la ville de Lisbonne» que em vários pontos curou por informações, tanto assim que até a coloca ao pé do Arsenal, (local impróprio para assentar um monumento de tal categoria), visto que o

Arsenal não estava junto do Paço, antes de 1755, como supõe o sr. Aires de Carvalho. A referência feita no conhecido livro francês deve ter-se originado de um informe impreciso acerca das construções ornamentais feitas na capital, quando das festas de 1729, por motivo do duplo enlace dos filhos do soberano, após a festiva troca efectuada na fronteira do Alentejo.

Uma estátua ao quinto João nunca existiu em Lisboa. Disto é que não há que fugir.

M. S.

## PRÉMIO ALMEIDA GARRETT

O Ateneu Comercial do Porto, instituiu o «Prémio Almeida Garrett», no montante de seis mil escudos, a um livro de poesia, escrito por autor português, em língua portuguesa, publicado de 1 de Novembro de 1953 a 30 de Outubro próximo, ou ainda inédito, apresentado em folhas dactilografadas. Até 3 de Novembro deverão as obras concorrentes (seis exemplares) ser enviadas à sede daquela instituição portuense, na Rua de Passos Manuel — Porto.

## BOLETIM DO PORTO DE LISBOA

O «Boletim do Porto de Lisboa», no seu número de Abril (39) transcreveu, titulando-o de Antologia de Lisboa e do Tejo, um trecho da conferência, feita na sala deste Grupo, no dia festivo do Padroeiro da Cidade, pelo nosso ilustre consócio, o Reverendo Correia da



Cunha, que fora inserta no nosso número 66.

Agradecemos a gentileza, que veio dar ainda maior expansão às palavras bellissimas que os Amigos de Lisboa ouviram e leram.

## PARADOXOS...

NO Campo Grande parece que não era autorizada a construção de prédios com mais de dois andares, limite esse depois elevado a três; mas permitiu-se já a construção de um prédio de oito andares, por ser de esquina.

Bem perto, no cruzamento da Avenida de Roma com a Rua António Patrício, há um prédio novíssimo, no ângulo de dois prédios de três andares, e que tem só loja e sobreloja. E também é de esquina...

Por outro lado, no Campo Pequeno constroem-se prédios grandes; no Campo Grande constroem-se prédios pequenos!

Paradoxos desta nossa Lisboa que todos nós queremos ver cada vez mais bela.

J. P. R.

## A TRAVESSA DO PINTOR

QUANDO na minha mocidade, «já não sei a conta dos anos», em visitas a uns parentes transitava amiudadas vezes pelos sítios da Estefânia, ouvia de vez em quando aludir a uma determinada Travessa do Pintor. Já nesse tempo me interessava descortinar velharias da nossa Lisboa, porém nunca me foi possível localizar esta mencionada artéria de nome tão insípido. Os anos foram rolando, deixei de frequentar esses locais e acabei por esquecer o que durante algum tempo muito me intrigou.

Quando recentemente me recreava na leitura da monumental obra «Oito Sé-

culos de História», consegui inesperadamente satisfazer a minha antiga curiosidade lendo nos fascículo XVIII o minucioso estudo das «linhas de demarcação da Cidade, à roda de 1870», da autoria do illustre escritor sr. dr. Durval Pires de Lima, onde nos elucida que a antiga Travessa do Pintor é actualmente a Rua de D. Estefânia.

Apesar de receber esta esclarecida noticia fiquei ainda ignorando qual teria sido o célebre pintor que deu o nome a este antigo arruamento, e lembrou-me de remexer papéis velhos que habitualmente guardo numa pequena arca antiga, em busca de qualquer anotação concreta. Não perdi o meu tempo, pois que encontrei, um pequeno, mas interessante, artigo da autoria do sr. José Maria de Andrade Ferreira com a data de 1872 e quem merece esta fiel transcrição:

Muita gente ignora o motivo de se haver posto o nome de—Travessa do Pintor—á pequena rua que vai da Carreira dos Cavallos ao Arco do Cego. Pois é uma razão historica, e que deve conservar gratas lembranças n'aquelles que estudam a vida dos homens mais notaveis que perpetuaram em Portugal as artes da pintura.

Este pintor de que aqui se trata, e que deu o nome á travessa indicada, foi Pedro Alexandrino, o nosso pintor historico mais notavel pela época do terremoto, aquelle a cujo pincel facil devem os nossos principaes templos, demolidos ou incendiados pelos temerosos desastres d'aquella grande catastrophe, os seus retabulos, — retabulos que foram substituir as obras do seu antigo mestre André Gonçalves.

Pedro Alexandrino possuia uma casa n'aquelle sitio, que se tornava fallada, principalmente, por uma grande cisterna em que gastara somas prodigiosas. Era



uma mania. Chegava elle a dizer, que a mór parte do importe de seus quadros a *tinha metido* na cisterna.

Quando alguém, visitando-o, lhe perguntava pelas suas obras, dizia logo com a jovialidade que lhe era habitual:—*Tenho tudo metido na cisterna.*

O nome d'este artista notavel deu o nome á travessa, que com razão se devia ufanar d'elle, porque Pedro Alexandrino teve merecimento, o que é impossivel de negar diante da sua melhor obra, que é o quadro do *Salvador do Mundo*, colocado na Sé de Lisboa. É uma composição elevada, em que a frouxidão de colorido se resgata pela correcção do desenho elegante e facil.

Há pouco quando a Camara tratou de alargar aquella travessa, houve alguém que se lembrou, de certo por ignorar a razão historica d'aquella denominação, de mudar o nome de *Travessa do Pintor* para *Rua do Hospital D.<sup>a</sup> Estefania.*

*E assim fiquei completamente elucidado acerca da toponímia desta antiga travessa que muito frequentei há próximo de 50 anos.*

*É sempre útil guardar papéis velhos; eles nos fazem recordar outros tempos e por vezes dão-nos preciosas informações.*

T. LOPES RAMOS



# **Pérola do Rocio, L.<sup>da</sup>**

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

**Envio de encomendas, para todo o país e estrangeiro**

Rocio, 105 - LISBOA

Telefone 2 0744

## **E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>**

**LISBOA**

**TRANSPORTES MARÍTIMOS  
E AÉREOS**

**CARVÃO**

**SEGUROS**

**REPRESENTAÇÕES  
(Industriais, etc.)**

**EXPORTAÇÕES**

**TRANSITÁRIOS, ETC. ETC.**

**no PORTO**

**KENDALL, PINTO BASTO & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Secções de Tipografia, Encadernação e Pautação. Trabalhos simples e de luxo

## **PAPELARIA ≡ CAMÕES ≡**

DE

**AUGUSTO, RODRIGUES & BITO,  
LIMITADA**

Pincéis, telas e tintas de óleo, para aguarela, desenho e guaches das marcas: Lefranc, Windsor, Pelikan e Schmincke



**42 — Praça Luís de Camões — 43**  
Telef. 23063 — LISBOA

## **ATENÇÃO**

ANTIGA OURIVESARIA **Miguel A. Fraga, L.<sup>da</sup>**

**PAVILHÃO DOS OURIVES**

Largo Martim Moniz, 18

OURO, PRATA, E JÓIAS a baixos preços.

Telefone 2 8503



# CIMENTO TEJO

CANTARIAS — MÁRMORES

ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>

Telefone 60879

Telegramas—RATOFILHOS

Avenida 24 de Julho, 54-G  
LISBOA



**Camilo Castelo Branco**

O mais apreciado e o mais português  
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras  
em 80 volumes

Conheça, Leia, Aprecie, Divulgue

## CAMILLO

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. telegr. PARCEPEREIRA

## AMIGOS DE LISBOA

PREFIRAM PARA OS  
VOSSOS CONTRATOS  
A CONHECIDA  
COMPANHIA INGLESA  
DE SEGUROS

## LEGAL & GENERAL

QUE REPRESENTA  
UMA GARANTIA DE

**200 MILHÕES  
DE LIBRAS**

Rua do Alecrim, 38, 2.º — LISBOA

TODOS OS PRODUTOS DA

## COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,  
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,  
para bem servir os fumadores



*A marca mundial*



UM PRODUTO SUECO DE QUALIDADE

FRIGORÍFICOS  
ASPIRADORES—ENCERADORAS  
MÁQUINAS DE COZINHA  
MAQUINAS PARA LAVANDARIAS

**ELECTROLUX, L.<sup>DA</sup>**  
**LISBOA**

SEDE E EXPOSIÇÃO  
R. Pascoal de Melo, 7  
Telefs.: 56115—4 linhas

EXPOSIÇÃO  
Av. da Liberdade, 141 1.º  
Telefs.: 28246/32901



### Domingos de Lisboa

#### MIRADOURO DE SANTA LUZIA

DEBRUÇADO sobre Alfama, o miradouro de Santa Luzia é uma verdadeira janela para a cidade antiga. Com o Tejo ao fundo, e as ruas sinuosas do velho bairro a descerem pela encosta que vai dar ao Terreirinho, a paisagem que se avista de Santa Luzia é de um encanto único e de um raro poder evocativo.

Do cimo deste Miradouro, onde se encontra um busto de Júlio Castilho, pode-se admirar um dos mais variados e deslumbrantes panoramas de Lisboa, e envolvermo-nos simultaneamente num verdadeiro halo da graça alfacinha, nas suas fortes sugestões de graciosidade e pitoresco



PASSAM JUNTO DESTA MIRADOURO

OS ELÉCTRICOS DAS CARREIRAS 10 E 11







# Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

EXTRACÇÕES SEMANAIS

<b>Prémios maiores.</b> . . . .	}	<b>1.000 contos</b>
		<b>100 contos</b>
		<b>50 contos</b>



Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor



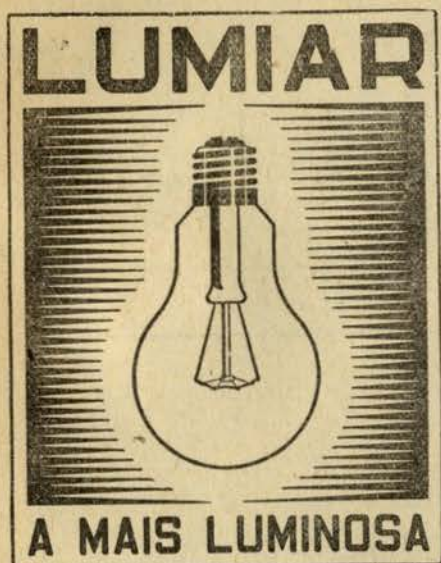
# Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup>

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO  
DESENHO

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 2 1368 2 1227



## FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM, L.<sup>DA</sup>

TEL. P.B.X. FAIANÇAS TELEG.  
2 4958 DE LOIÇA  
2 3902 FANTASIA LISBOA

E DE USO DOMÉSTICO  
LOIÇA SANITARIA E  
DE GRÉS CERAMICO  
AZULEJOS-MOSAICOS

A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

PORTO  
R. CARMELITAS, 40  
Tel. 22 033

COIMBRA  
R. DR. RODRIGUES, 13  
Tel. 3546

## OFICINA DE TORNEIRO DE METAIS

DE B. DIAS & DIAS, LDA.

Trabalhos de Funileiro  
e Construção Civil



Instalações para Água,  
Gás e Electricidade

Todos os artigos referentes a Folha Branca — Esquentadores para gás e petróleo  
Lavatórios — Retretes — Bidés — Banheiras — Lava-louças de vários sistemas — Candeeiros  
para Electricidade e Gás — Camisas, Chaminés e Lâmpadas de todas as marcas  
Fazem-se todos os trabalhos pertencentes à sua Indústria — Colocação de Bombas e Consertos  
Rua Nova da Trindade, 11-F, — Telefone 22648 — LISBOA

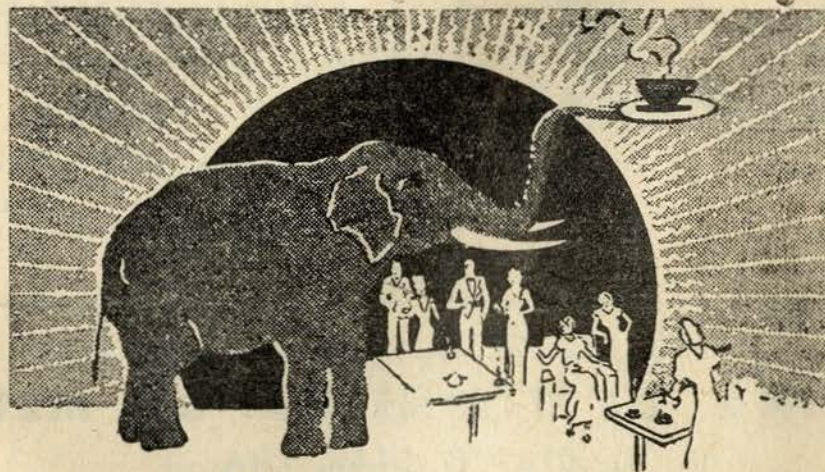


Os «Amigos de Lisboa»

preferem, para os seus seguros, a

# IMPÉRIO

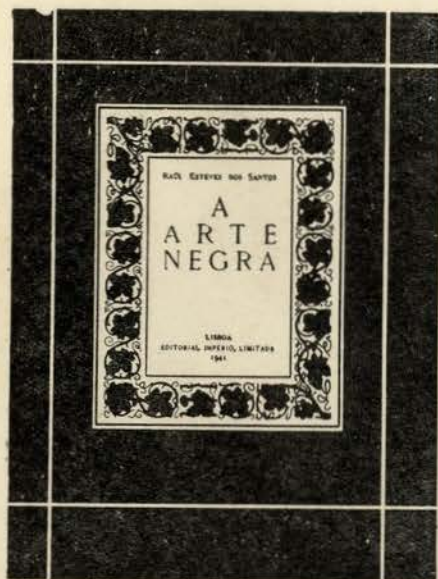
Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa



## CHÁ CELESTE

*preto e verde, uma delicia!*





«A ARTE NEGRA» — Dos primitivos processos da escrita à invenção da tipografia

DESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA TIRAGEM DE 1.000 EXEMPLARES EM PAPEL «VERGÊ» E 100 EXEMPLARES EM PAPEL «PLUMA», DESTINANDO-SE AO MERCADO 400 EXEMPLARES EM «VERGÊ» E 50 EM «PLUMA», TODOS NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS OU À EDITORIAL IMPÉRIO, LDA.  
151, Rua do Salitre, 155  
LISBOA



**TOSSE ?**

**HORAS CALMAS**



**COM**

**BENZO-DIACOL**